

EM BUSCA DE CONSENSOS EM HOMEOPATIA: PERSPECTIVAS EM 2023

IN SEARCH OF CONSENSUS IN HOMEOPATHY: PERSPECTIVES IN 2023

PAULO ROSENBAUM¹
FLÁVIO DANTAS²

Descritores:

Homeopatia; Consenso; Prática Profissional; Inquéritos e Questionários.

¹ Médico e escritor, Doutor em Ciências pela USP, Mestre em Medicina Preventiva pela FMUSP, Especialista em Homeopatia pelo CFM.

e-mail: rosenbau@alumni.usp.br; rosenbpaulo@gmail.com

² Professor Titular de Homeopatia, Departamento de Clínica Médica da Universidade Federal de Uberlândia.

e-mail: dantas@ufu.br

INTRODUÇÃO

Consenso são manifestações de concordância. São alcançados após reflexões e debates que culminam em decisões pactuadas dos agentes interessados, em nome de uma coletividade. A iniciativa de promover um primeiro consenso sobre a caracterização da prática homeopática, há 15 anos atrás, mostrou-se uma importante iniciativa para ouvir os médicos que praticam a especialidade no Brasil. O que define e diferencia a prática médica homeopática de outras práticas clínicas realizadas por médicos ou outros profissionais de saúde, com ou sem formação especializada em homeopatia? É possível identificar o que efetivamente não a caracteriza? A responsabilidade dessas definições cabe à própria comunidade de praticantes e deve ser realizada de modo informado e esclarecido, dentro de um clima de real abertura intelectual e disposição dialógica.

De 1977 a 2013 os consensos médicos nos USA eram coordenados pelo NIH (*National Institute of Health*), depois passaram a ser coordenados por outras Instituições como a *United States Preventive Services Task Force* (USPSTF) e a organização britânica “Cochrane”. Antes de 2008, não há notícias de tentativas para construir um consenso clínico entre os médicos que praticam a medicina com critérios baseados na homeopatia. Os motivos são variados, e devem ser objetos de estudo e pesquisa em outros artigos. Os consensos em nosso meio homeopático são mais referenciados através de enquetes – como esta que agora propomos – do que pensa a comunidade de praticantes, aqueles que mais se engajam na discussão e aportam suas experiências clínicas.

Consenso clínicos em homeopatia representam padrões comuns de entendimento – epistemológicos, éticos ou científicos – ou de condutas práticas que orientam a realização de atos médicos. São alcançados após reflexões e debates que culminam em decisões pactuadas dos agentes interessados, com implicações técnicas e impactos éticos. A realização de enquetes periódicas sobre a compreensão dos fundamentos da homeopatia e suas intervenções clínicas têm nítidas repercussões na interação e cooperação com as demais áreas do conhecimento, ajudando a formular diretrizes que orientem a prática homeopática, dentro de parâmetros técnicos e éticos, e abram canais de comunicação útil e válida com a comunidade médico-científica e a sociedade brasileira sobre os melhores caminhos para o exercício clínico da homeopatia em benefício da sociedade. Este trabalho representa um esforço de obtenção de informações preliminares que serão objeto de ciência prévia e discussão durante a realização do XXXVI Congresso Brasileiro de Homeopatia, a se realizar entre 13 e 16 de abril de 2023.

MÉTODO

Como uma das atividades centrais do XXIX Congresso Brasileiro de Homeopatia, realizado em 2008

na cidade de São Paulo, decidiu sua Comissão Científica promover duas sessões para discussão e votação interativa entre os presentes sobre aspectos relevantes para a prática clínica homeopática. Para organizar o debate, foram selecionadas – após consulta à comunidade homeopática – questões distribuídas nos tópicos princípio da semelhança, fontes de informação para prescrição homeopática, medicamento homeopático, diagnóstico homeopático e terapêutica homeopática, com desdobramentos em subtópicos.

Em 2023, foi novamente proposta a realização da atividade durante o XXXVI Congresso Brasileiro de Homeopatia. Decidiu-se pelo aproveitamento das questões anteriores, com adição de outras perguntas e circulação para respostas prévias por parte da comunidade médica homeopática previamente à realização do congresso. Foram incorporadas questões sobre miasmas, critérios farmacotécnicos e cuidados no uso de substâncias biologicamente ativas como nosódios, aspectos éticos da pesquisa, uso de imunizantes, utilização de experimentos realizados durante sonhos observados após uso do medicamento ou de auto-patogenias como fontes informativas de sintomas para prescrição e prescrições homeopáticas embasadas em aspectos da tabela periódica dos elementos químicos.

O questionário visou coletar as percepções e impressões da comunidade médica homeopática no Brasil sobre aspectos relevantes no exercício da clínica homeopática, à semelhança do anterior. Foi elaborado um formulário google, com duas partes. Na primeira parte foram coletados dados pertinentes à identificação do médico (opcional), idade, sexo, cidade onde exerce a medicina e número de registro no CRM, complementados por informações sobre a formação médica e homeopática. Nesta seção foram inquiridos o número de anos de experiência como médico e como médico homeopata, certificação como especialista em homeopatia ou em outras especialidades, instituição responsável pela formação em homeopatia, qualificação acadêmica, conduta preferencial de prescrição homeopática e processo mais utilizado para seleção dos medicamentos. Na segunda parte foram especificadas as questões integrantes do consenso, com acréscimo de novas questões às anteriormente formuladas em 2008 (estas com pequenas reformulações estilísticas, em alguns casos). Após cada questão, foi oferecida a oportunidade de comentário complementar para o respondente situar, de modo mais esclarecido se assim o quisesse, seu posicionamento. Desta forma, eventuais dúvidas sobre o entendimento da própria questão poderiam ser dirimidas com o comentário, servindo como estratégia de validação interna do formulário e esclarecimento do posicionamento dos respondentes.

RESULTADOS

O formulário google foi respondido online por 141 homeopatas de todo o Brasil. Observou-se que

aproximadamente 20% dos respondentes fizeram uso da opção de resposta complementar para esclarecimento do posicionamento, variando um pouco em função do tipo de questão formulada. As respostas, anonimizadas, foram consolidadas em planilha para cálculo das respectivas porcentagens para cada questão e item. De modo geral, as afirmações feitas para cada questão parecem ter sido bem compreendidas, conforme comentários gerais feitos em cada questão e ao final do formulário, embora dúvidas pontuais tenham sido postas em algumas poucas questões sobre o seu entendimento, em vista de uma resposta mais específica.

A amostra analisada foi constituída por 141 médicos, que exercem sua prática profissional nas diversas regiões geográficas do Brasil, dos quais 85% são especialistas em Homeopatia. Em sua maioria estão na região sudeste, concentrados principalmente na cidade de São Paulo (24%), Rio de Janeiro (7%) e outras capitais como Florianópolis, Curitiba, Belo Horizonte, Goiânia, Recife e Belém. Das 27 unidades federativas que compõem o Brasil, 19 estavam representadas, sem contribuições de médicos nos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima e Tocantins.

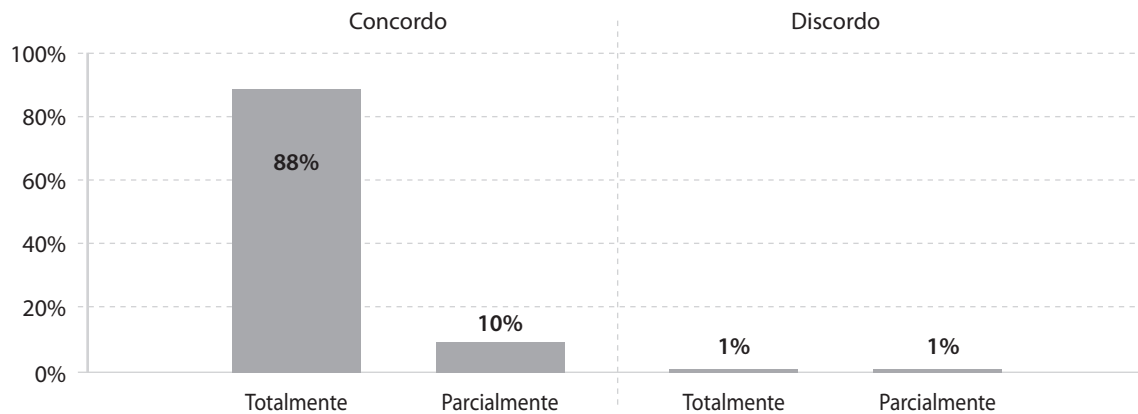
Houve maior representação de médicas (58,7%) do que médicos (41,3%). A idade média foi 58 anos, variando de 29 a 78 anos. Em média os respondentes têm experiência médica há 33 anos, com variação entre 6 e 52 anos. Foram certificados como especialistas em homeopatia há 18,6 anos em média, com variação entre 1 a 43 anos, recebendo formação em variadas instituições formadoras do Brasil, particularmente na Associação Paulista de Homeopatia, Instituto Hahnemanniano do Brasil, Associação Médica Homeopática do Paraná e Instituto Homeopático François Lamasson. Além de especialistas (83,2%), completaram mestrado 24,5% dos respondentes, enquanto 8,4% concluíram o doutorado, com 3,5% tendo realizado o pós-doutoramento. A prática homeopática dos médicos variou entre 1 a 50 anos, com média de 22,3 anos.

Em linha com a recente publicação sobre demografia médica no Brasil, a maior parte também está habilitada em outras 18 das 55 especialidades médicas atualmente reconhecidas, com destaque para a representação nas especialidades de Pediatria (31%), seguido de Clínica Médica (20%), Acupuntura (12%) e Medicina de Família e Comunidade (9%). Para a prescrição homeopática, 69% preferem o uso de um único medicamento, enquanto 26% se valem de um ou mais medicamentos preparados separadamente para prescrição associada (pluralismo), enquanto 5% prescrevem vários medicamentos associados num só composto homeopático (complexismo). Para escolher o medicamento homeopático, 61,5% recorrem preferencialmente à repertorização, enquanto 33,5% se valem do método da imagem patogenética e 5% adotam o procedimento da terapêutica aplicada ou comparada.

A seguir são apresentados os resultados globais para cada questão do formulário, acompanhados de alguns comentários extraídos das manifestações dos respondentes.

Figura 1. A aplicação do princípio dos semelhantes, com base nos sintomas do paciente e nos descritos na patogenesia do medicamento, é indispensável para uma prescrição ser caracterizada como homeopática.

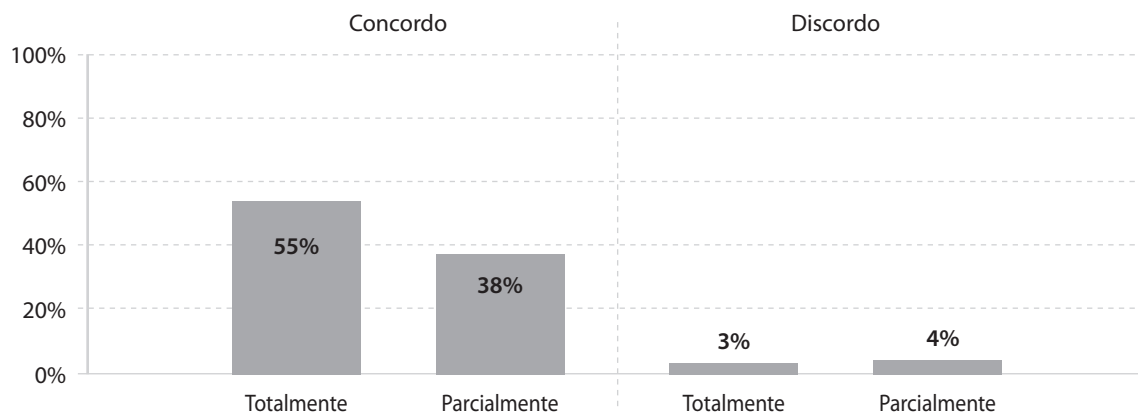
98% dos médicos estão de acordo (88% totalmente) quanto à aplicação do princípio da semelhança baseado nos sintomas obtidos nas patogenesias.



Comentários: não haveria prescrição homeopática sem observância do princípio da semelhança, o que diferencia a terapêutica homeopática das demais. Há vários níveis de similitude, podendo em algumas situações ser aplicada a similitude etiológica ou nosológica. Entretanto, por vezes há sintomas do paciente que não constam da patogenesia conhecida.

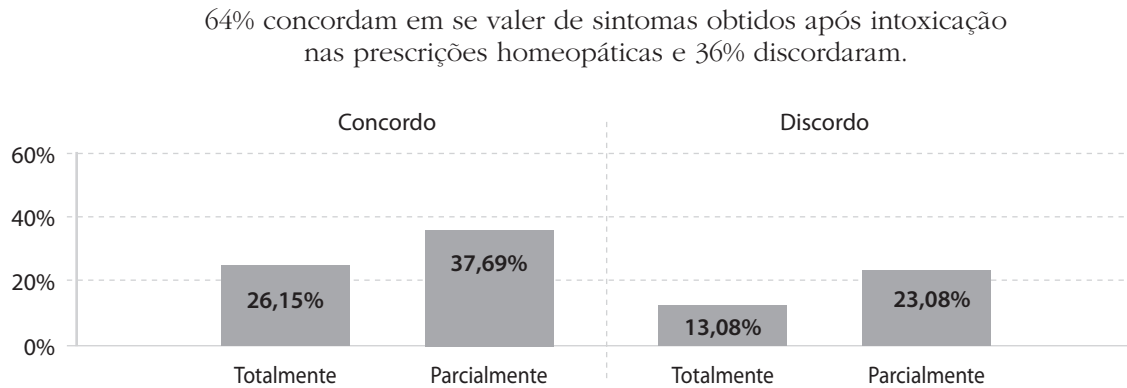
Figura 2. A experimentação de medicamentos homeopáticos em indivíduos aparentemente saudáveis é uma condição necessária – jamais pode deixar de ser realizada – para a utilização clínica do medicamento homeopático.

55% concordam que a experimentação patogenética é uma condição necessária e imprescindível para o uso clínico da medicação homeopática, enquanto 38% concordam parcialmente com a afirmação.



Comentários: Apenas 7% discordam da afirmação, embora significativa parcela concorde apenas parcialmente. É considerada o padrão-ouro para obtenção de informações válidas e confiáveis em situações experimentais, constituindo um dos pilares da homeopatia. Admite-se, porém, que alguns medicamentos têm base informativa apenas na toxicologia, e que alguns medicamentos também têm agregados sintomas após o uso clínico sem ter sido antes testados rigorosamente em ensaios patogenéticos homeopáticos (EPH). Foi também comentada a emergência de tendências contemporâneas, como similitude por categorias, e descoberta de novos medicamentos e quadros sintomáticos sem realização de EPH.

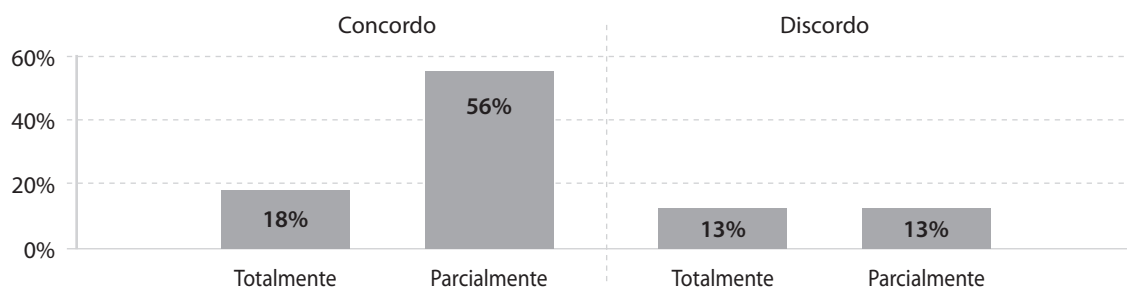
Figura 3. Sintomas de intoxicação (acidental ou voluntária) devidamente registrados na literatura médica são suficientes para caracterizar uma prescrição como homeopática se a substância for preparada conforme as normas da farmacotécnica homeopática (diluída e dinamizada).



Comentários: Muitos sintomas descritos na matéria médica pura foram advindos de intoxicações, que seriam as primeiras (e mais grosseiras) indicações para uso homeopático do medicamento. A intoxicação mostra apenas o efeito primário da substância, devendo ser seguida de EPH para identificação do seu efeito secundário. É desejável a tríade toxicologia + experimentação no indivíduo sadio e sensível + experiência clínica para prescrição homeopática, embora a ausência de um deles não inviabilize a prescrição desde que haja similitude dos sintomas. A matéria médica de um medicamento que conste apenas dados toxicológicos será sempre, do ponto de vista do rigor científico homeopático, uma matéria médica INCOMPLETA de uma agente medicamentoso apenas PARCIALMENTE EXPERIMENTADO. A questão pode também ter gerado interpretações divergentes, com respostas de que sintomas de intoxicação com substâncias dinamizadas são muito graves ou que se a droga causa intoxicação não poderia ser usada nesta concentração.

Figura 4. Os registros de sonhos e sensações, após o uso experimental em voluntários (patogenesia) de medicamento homeopático na noite precedente, são confiáveis para a prescrição homeopática.

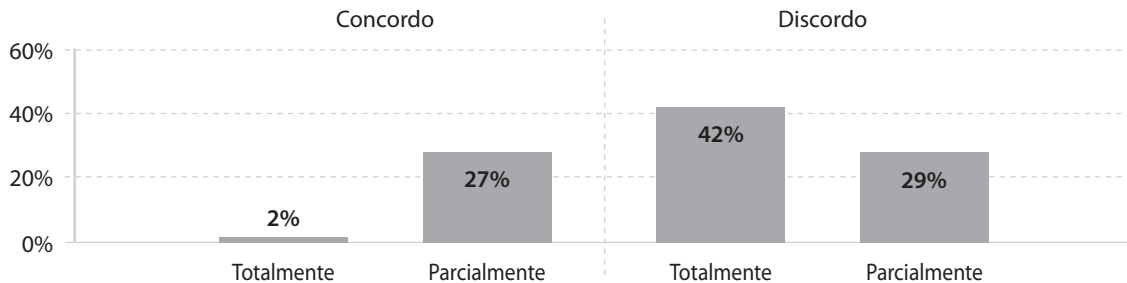
Sobre a chamada “patogenesia baseada em sonhos despertados pelo medicamento experimentado na noite anterior” 56% concordam parcialmente, apenas 18% concordam totalmente.



Comentários: A questão sobre experimentações que visam a coleta de sensações e temas exclusivamente em sonhos vivenciados após o uso de medicamentos homeopáticos pode ter gerado dúvidas sobre o seu entendimento. Sonhos representam o medicamento e sua finalidade curativa. Todos os eventos após a tomada do medicamento têm valor anamnésico. Teriam valor se ocorrerem de forma repetida, em outros experimentadores que não fazem uso de substâncias com atuação no sistema nervoso central, e deveriam ser marcantes, embora sua atribuição de confiabilidade dependa do contexto da pessoa e do grau de controle usado no estudo. Para outros não é suficiente pois é muito sujeita à clareza mental e interpretação do experimentador, e somente seriam confiáveis se fossem oriundos de uma experimentação patogênica preferencialmente multicêntrica.

Figura 5. Sintomas obtidos por abstração intelectual (conjecturas, ilações ou especulações), a partir de similaridades com propriedades de elementos químicos ainda não experimentados, são confiáveis para a prescrição homeopática.

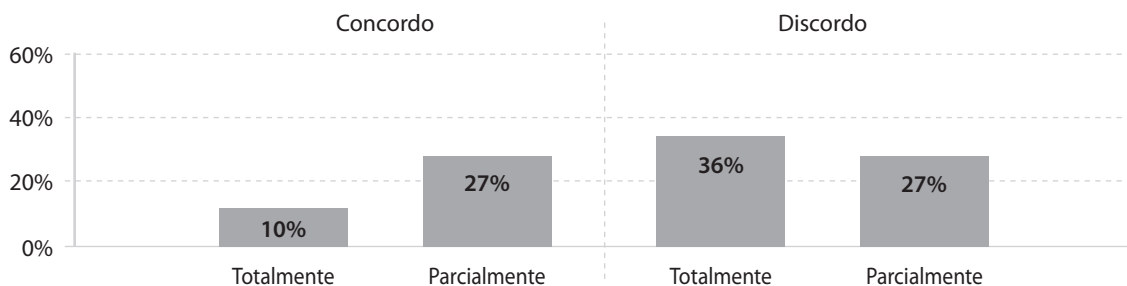
42% discordam totalmente e 27% concordam parcialmente sobre a confiabilidade, para prescrição homeopática, de sintomas obtidos por processo abstrato de similaridades com propriedades de elementos químicos ainda não experimentados.



Comentários: Considero um risco usar critérios tão vagos para prescrever substâncias medicinais que se propõem a cuidar das pessoas. É muito fácil iludir-se com especulações apriorísticas a partir de características simbólicas ou da posição que algumas substâncias ocupam na tabela periódica. Não se pode especular sem uma comprovação minimamente experimental. No caso de sais formados a partir de 2 elementos muito bem experimentados, a possibilidade desses sais compartilharem algumas qualidades curativas confirmadas em seus elementos originais foi, muitas vezes, confirmada. A similaridade com elementos químicos pode servir como observação inicial para enriquecer pesquisa / experimentação em indivíduos sãos, podendo ser útil para auxiliar e nunca para certificar o medicamento constitucional. Podem validar uma prescrição de acordo com estudos, por exemplo de Scholten em relação às características dos elementos, e da classificação segundo os Reinos. Sintomas que devem ser reconhecidos são aqueles que a substância simples dinamizada produz no indivíduo são, dentro de seus padrões.

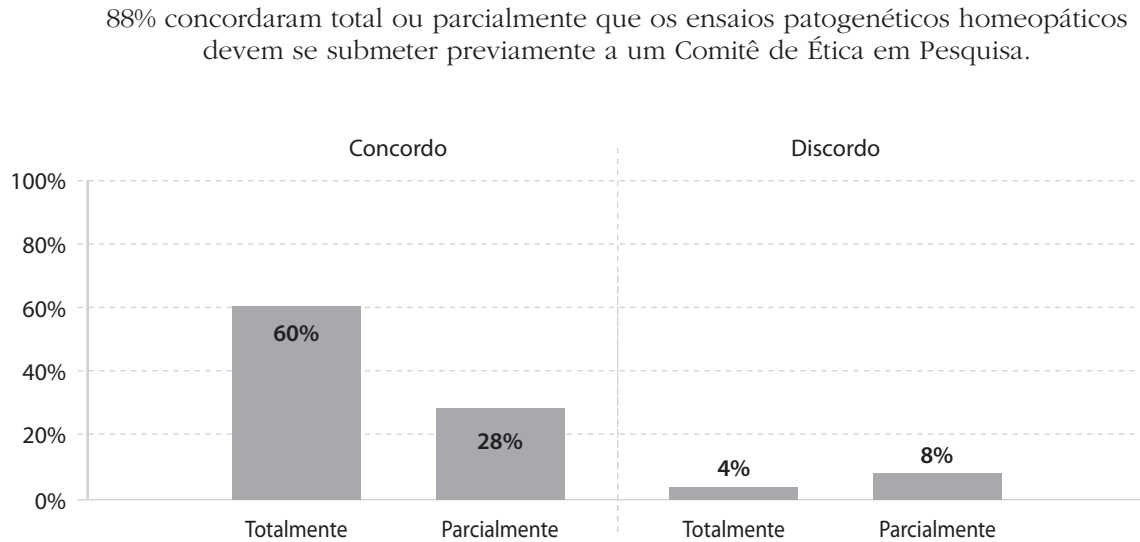
Figura 6. Sintomas registrados em auto-experimentações de um médico homeopata, que atua como seu próprio controle, são confiáveis para a prescrição homeopática.

Foi maior a tendência para discordância (63%) do que em direção à concordância (37%).



Comentários: A auto-experimentação pode ajudar o médico a sentir / entender melhor o medicamento, mas a experiência de apenas 1 indivíduo não é suficiente para a prescrição homeopática. Será mais criteriosa com o conjunto de vivências de outros experimentadores para termos a imagem real do medicamento. Depende de alguns fatores, como auto-observação rigorosa, atenção e grau de acurácia na observação. Para se tornarem confiáveis precisariam da reprodutibilidade e confirmação clínica dentro de parâmetros controlados. Sem um controle externo, trata-se de experimentação patogênica de baixíssimo rigor científico. Pode ser útil e elegível para inclusão na matéria médica de um medicamento quanto mais confiável for o experimentador quanto à sua reconhecida honestidade, suas qualidades cognitivas, seu conhecimento médico e homeopático, sua experiência clínica e seu método de autoexperimentação ter registro suficientemente detalhado para se permitir um julgamento das condições sob as quais ocorreu.

Figura 7. Todo ensaio patogenético homeopático deve ter aprovação ética por comitês de ética em pesquisa.



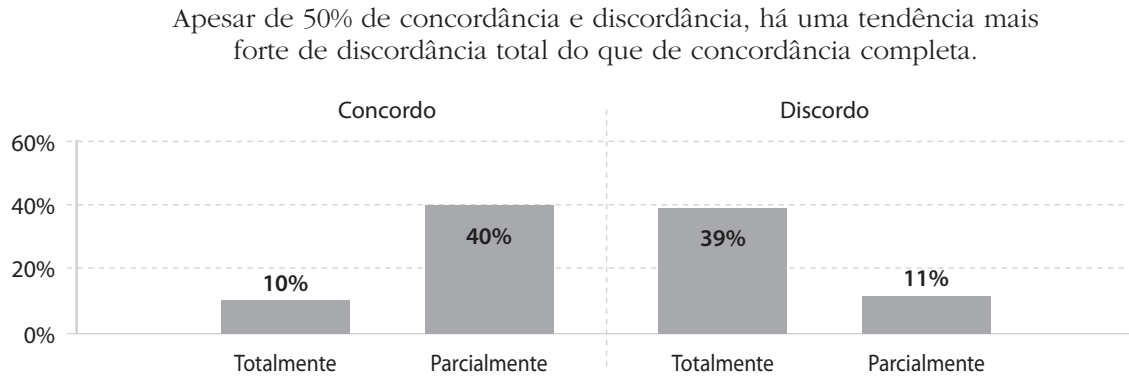
Comentários: A ética como princípio deve ser a base racional e a arte que transcende qualquer interesse científico. Deveria ter TCLE assinado pelos experimentadores. O Comitê de Ética Institucional deve estar devidamente informado para avaliação e aprovação dos protocolos homeopáticos, que dão força a especialidade frente ao mundo acadêmico. Para ter créditos, os ensaios devem ser padronizados e reconhecidos com métodos científicos rigorosos. Homeopatas necessitam trabalhar dentro de um escopo científico. Seguir o protocolo proposto pela AMHB, devendo assegurar a segurança dos experimentadores. Apesar de ter participado de algumas experimentações patogenéticas sem aprovação do CEP, penso que atualmente vem de encontro com o que devemos fazer: dialogar com a ciência e estar em critérios que satisfaçam a racionalidade homeopática e as regras científicas atuais

Figura 8. O medicamento homeopático deve ser diluído e sucussionado conforme as normas técnicas descritas na farmacopéia homeopática brasileira.



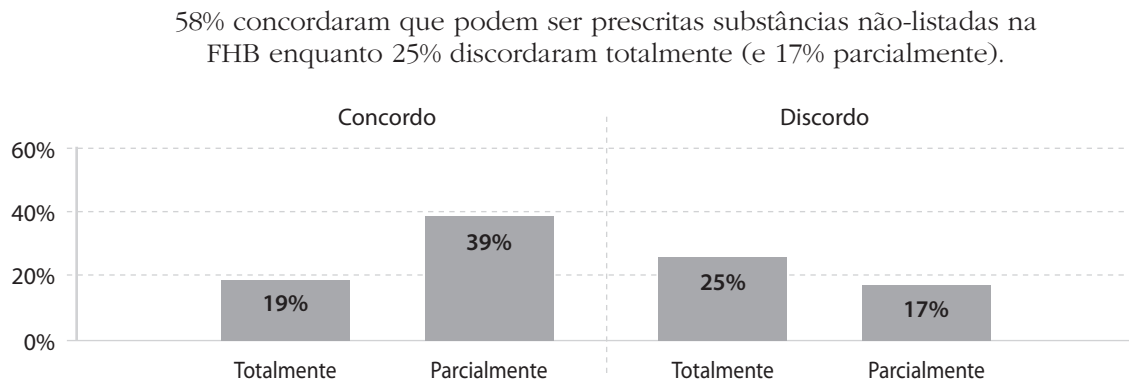
Comentários: O protocolo da FHB dá segurança e legitimidade à prática, sendo esse um dos princípios da homeopatia. Tinturas mães de uso externo ou em bochechos são exceção. Deve ser seguido com Hahnemann orientou. Todo método que fuja dos princípios básicos da homeopatia não pode ser considerado homeopático.

Figura 9. Novos nosódios, preparados a partir de materiais com microrganismos, patogênicos ou não, podem ser prescritos sem realização de ensaio patogenético homeopático.



Comentários: Prescrever substâncias que podem contaminar/intoxicar ou ser de alguma forma lesiva, prescindindo da fase experimental (que são também testes de segurança) é um sério erro ético, epistemológico e científico. O médico homeopata deve ter liberdade para prescrever os medicamentos que achar conveniente ao seu paciente assumindo toda responsabilidade por fazê-lo. No caso de microrganismos não patogênicos poderia caber uma exceção. Os nosódios são a interface da alopatia com a homeopatia na prática homeopática, muito semelhante aos envenenamentos por diversas substâncias tratados segundo a Farmacopeia Homeopática Brasileira. Aceitável diante de pandemias ou casos excepcionais, desde que o paciente seja esclarecido e concorde em tomá-los. Os nosódios devem passar por ensaios patogenéticos previamente, a não ser quando o material é obtido do próprio paciente. Para a credibilidade e segurança da utilização de tais medicamentos, é necessário que se cumpram todas as normais técnicas de preparação. Um medicamento deve ser considerado homeopático se for preparado a contento e experimentado por um grupo segundo o rigor da técnica de experimentações.

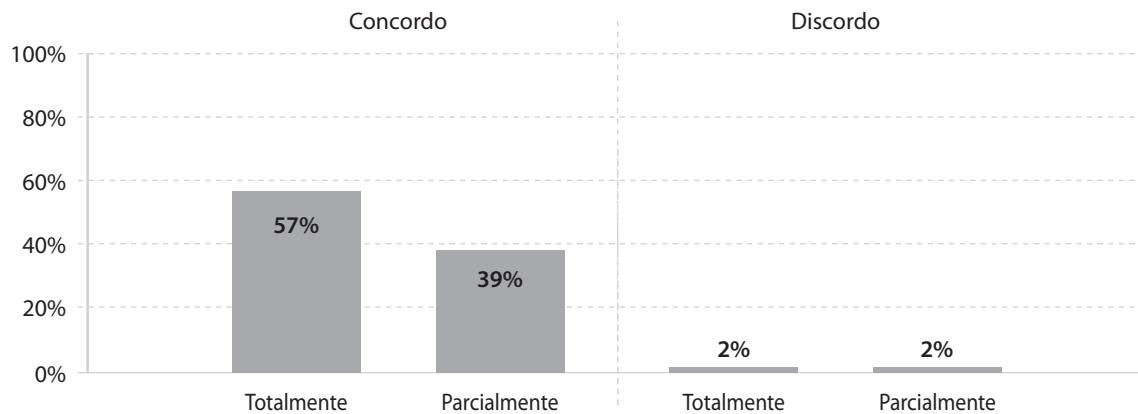
Figura 10. Substâncias não listadas na farmacopéia homeopática brasileira podem ser preparadas homeopaticamente e prescritas pelo médico homeopata.



Comentários: Não consta na farmacopeia muitos dos medicamentos habitualmente prescritos. Desde que seja uma experimentação com o consentimento do paciente e do Comitê de Ética. É imprescindível a experimentação em pessoa sadia com metodologia científica rigidamente aplicada. O médico deve ter liberdade de ação e ser isento de preconceito para prescrever. Cada homeopata deve ter sua própria experiência médica, muitos novos medicamentos homeopáticos podem surgir desta experiência. Há sempre novas possibilidades de estímulos terapêuticos. *Opium* e *Cannabis* não fazem parte da farmacopeia, e sempre foram objeto de prescrição, desde que haja um estudo de patogenesia previamente realizado. Desde que realizadas as autopatogenesias e identificadas as semelhanças do caso com os sintomas patogenésicos. Podem, pois, há liberdade para que o médico escolha a melhor forma de tratar seu paciente, porém esta não é uma licença em branco. A preparação deve ser prescrita com critérios clínicos claros e explicitados ao paciente, não é uma licença em branco.

Figura 11. O diagnóstico clínico é importante para a prescrição terapêutica do médico homeopata.

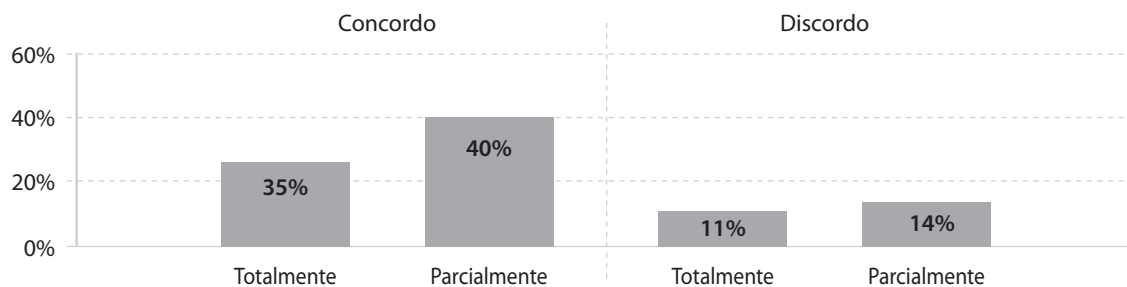
Apenas 4% discordaram, com 57% de concordância total sobre a importância de ter um diagnóstico clínico para a prescrição homeopática.



Comentários: A prescrição homeopática é baseada na totalidade dos sintomas do paciente, o diagnóstico clínico é complementar, não necessariamente indispensável. É fundamental, embora existam as moléstias idiopáticas. Pode auxiliar na escolha do medicamento e na verificação da evolução do caso. Ajuda para sabermos os sintomas da doença em questão e como costuma evoluir. importante para se evitar por exemplo terapêuticas homeopáticas equivocadas. Não é tão necessário para a escolha do medicamento homeopático, mais importante para optar por outra terapêutica que não a Homeopatia. Nos casos mais graves é útil para definirmos o manejo e o prognóstico do paciente. Muitas vezes podemos tratar com sucesso pacientes sem um diagnóstico clínico definido, mas estes casos devem ser a exceção.

Figura 12. O estabelecimento do diagnóstico clínico, ou de hipóteses diagnósticas, é uma condição necessária para que se faça a indicação médica da terapêutica homeopática.

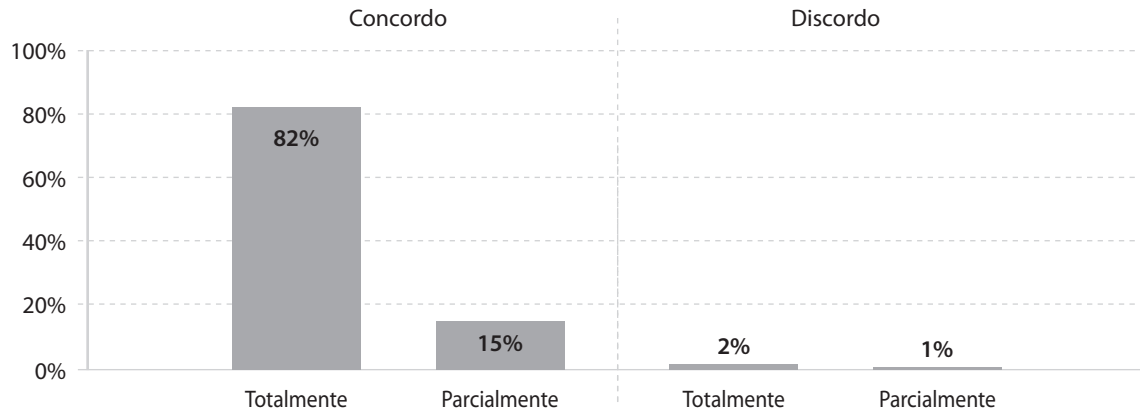
Para indicação do tratamento homeopático, 75% concordaram no estabelecimento do diagnóstico clínico ou hipóteses diagnósticas, ainda que 40% parcialmente.



Comentários: O fundamental não é o que adoeceu, mas quem adoeceu. Na consulta homeopática temos que fazer o diagnóstico clínico e para a prescrição do medicamento, este diagnóstico interfere, pois há sintomas comuns da doença e os específicos do paciente. Há também, os casos que temos que medicar pelo gênio epidêmico. Em doenças agudas é uma condição muito importante, quando se tem o diagnóstico confirmado. Mas em doenças crônicas o diagnóstico pouco ajuda na escolha do medicamento. Hipótese diagnóstica é essencial para qualquer prática médica. Jamais um médico deveria agir sem ter a mínima noção do que se encontra perante ele. Jamais um homeopata poderá prescrever sem saber se está perante uma doença aguda com risco de morte ou uma doença crônica com sequelas definitivas; se trata-se de uma pneumonia (mesmo que atípica) ou um infarto agudo do miocárdio. Será pertinente conhecer a evolução natural da doença. Muitas vezes não temos diagnóstico preciso e a Homeopatia ajuda muito. O diagnóstico clínico é sempre importante para prescrição e seguimento de qualquer caso. Ainda que não ofereça a solução de cura, ele oferece o acolhimento e a compreensão do sofrimento. Para ser Homeopata, precisamos antes ser médicos. Para uma prescrição responsável, é o que sempre se espera de qualquer médico.

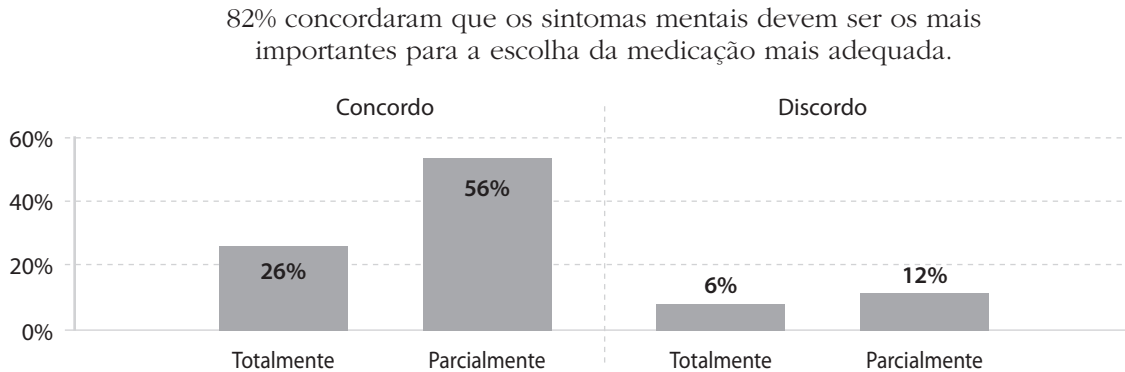
Figura 13. A prescrição do medicamento homeopático deve ser guiada por uma combinação de elementos semiológicos compostos por sintomas patognomônicos, sintomas individuais modalizados e sinais e sintomas presentes na história atual ou pregressa do paciente.

Os parâmetros mais tradicionais para prescrição homeopática, no conjunto, obtiveram consenso 97%, com 82% de concordância total.



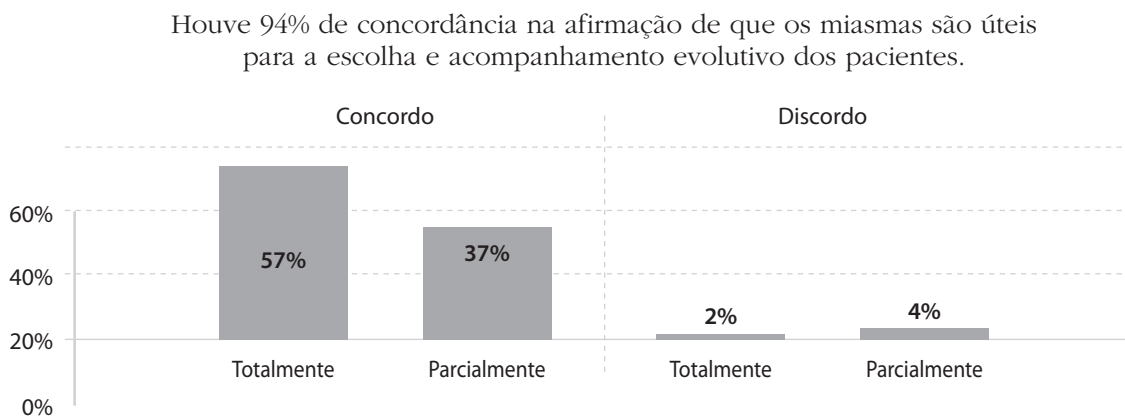
Comentários: Quanto mais sintomas individualizados forem registrados, melhor para a escolha do Medicamento. Sintomas patognomônicos também devem contemplar achados laboratoriais, de terapêutica armada e de imagem. Devemos levar em conta a fisiopatologia e as diáteses. Nem sempre temos todas estas informações para prescrever. Toda história anterior esclarece muito o modo de adoecer e sua constituição patogênica e terapêutica. A matéria médica não é sempre completa e pode-se usar apenas um aspecto e mesmo assim conseguir bons resultados. Dos sintomas analisados são os mais significativos os que podem ser modalizados. O médico homeopata deverá através de sinais e sintomas entender o que há se ser tratado no paciente em estudo. O importante mesmo é buscar a melhor similaridade para um determinado paciente. A anamnese homeopática, o exame físico e a síndrome mínima de valor máximo são os definidores da prescrição.

Figura 14. Os sintomas mentais, detectados durante a consulta homeopática, devem ser considerados hierarquicamente superiores para escolha terapêutica.



Comentários: Há situações em que há sintomas mentais pouco claros e sintomas físicos muito marcantes que podem ser considerados seguros para uma boa prescrição homeopática. Nesse caso os sintomas físicos raros e peculiares são de hierarquia superior. Depende do foco do atendimento. Mais importantes nos casos crônicos ou nos casos agudos se aparecem durante o quadro agudo. Os mais importantes sintomas sempre serão os sintomas consistentes mais característicos e peculiares e que tenham correspondência (mesmo que apenas por analogia) em nossa matéria médica. Os sintomas com essas qualidades serão os mais importantes hierarquicamente, sejam mentais ou físicos, gerais ou locais. Muitas vezes os sintomas mentais são confundidos/tomados como categorias estanques e até estereotipais para definir o uso de medicamentos. Que o estado psíquico e subjetivo é essencial para uma boa terapêutica nenhum clínico pode duvidar, porém tomá-los sempre como os mais importantes pode atrapalhar a estratégia. Nem sempre um sintoma mental está bem caracterizado, cada caso deve ser esclarecido em seu contexto clínico. Um sintoma físico bem modalizado é sempre um bom guia para a escolha de um medicamento homeopático. Não necessariamente um sintoma mental deve ser hierarquicamente superior apenas por ser um sintoma mental. Depende do caso, às vezes o paciente simula para ter benefícios e atestado. Hierarquização sintomática é um resultado do processo de adoecer, não é uma escolha do médico homeopata. O sintoma mental pode ser o balizador para o medicamento sistêmico de fundo.

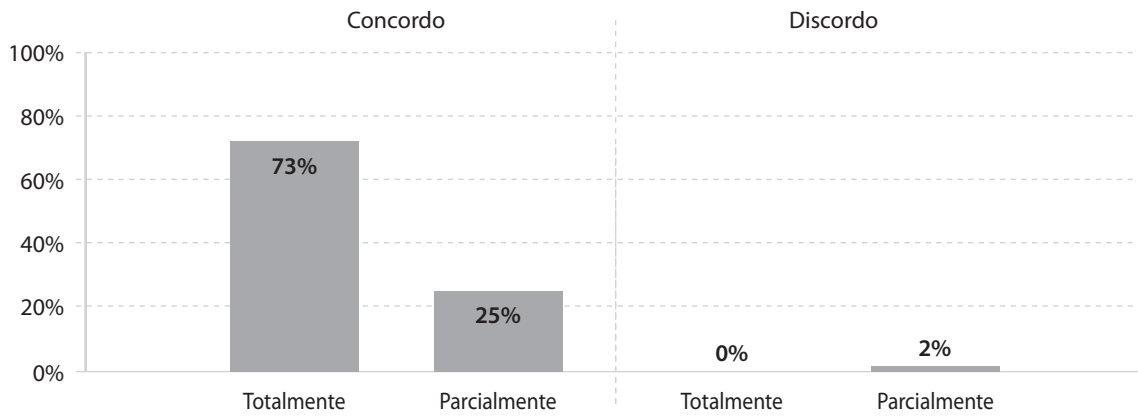
Figura 15. Miasmas são concepções úteis para a escolha e acompanhamento evolutivo dos pacientes.



Comentários: Conhecimento de dinâmica miasmática é fundamental para se determinar prognóstico homeopático e conduta na segunda e demais consultas. Conhecer o modo reacional crônico individual do doente é fundamental para uma boa conduta médica. A concepção sobre miasmas não é consenso em homeopatia, é um termo obscuro que já pode ser trabalhado à luz da ciência clínica moderna. Área de divergência por falta de uma terminologia consensual. O tema Miasma é muitas vezes de difícil compreensão, muitas linhas e autores. É um importante instrumento de orientação para o homeopata, mas não define tratamento. Auxiliam na escolha do remédio, confrontando com a história clínica. De suma importância é o bom prognóstico Homeopático.

Figura 16. A terapêutica homeopática pode ser utilizada em conjugação com outras terapêuticas médicas oficialmente reconhecidas.

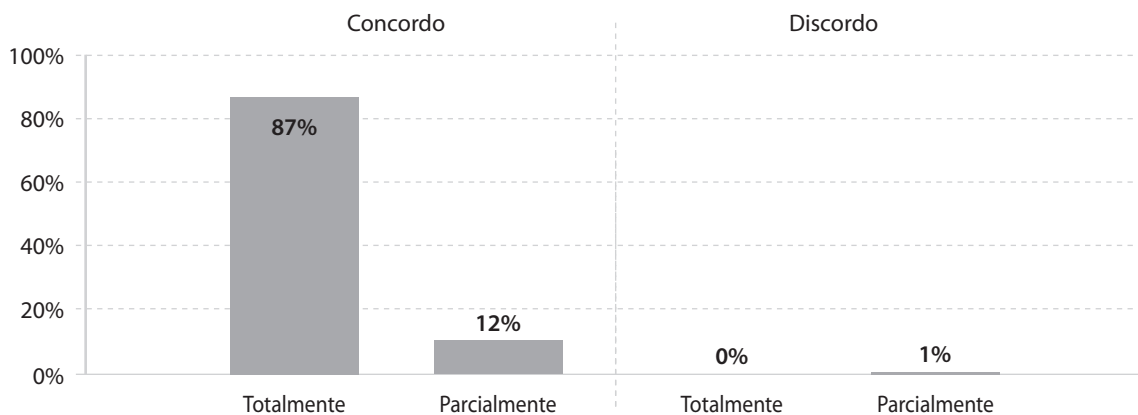
98% dos respondentes concordam que a homeopatia pode ser utilizada conjuntamente com outras terapêuticas, com 73% de concordância total.



Comentários: Importante recorrer sempre à técnica. Deve haver para cada caso uma escada de opções. Devemos sempre estar abertos à verdadeira transdisciplinaridade. Desde que se faça com racionalidade e compreensão dos possíveis efeitos terapêuticos e colaterais de cada medicamento e procedimento. Depende das doenças, não podemos suspender toda medicação alopática de imediato. Particularmente eu não gosto de prescrever homeopatia a quem faça uso de uma infinidade de tarjas pretas, pela dificuldade de individualizar sintomas. O uso da homeopatia não exclui outras terapêuticas, o que importa é a cura do paciente. Nos casos graves ou mais complexos, há que se considerar que o ser humano (saúde, dignidade e qualidade de vida) está acima de qualquer escolha terapêutica/afinidade/fundamentalismo homeopático. Acupuntura, práticas complementares e mesmo a cirurgia podem salvar o paciente e dar tempo a cura se manifestar.

Figura 17. O tratamento homeopático deve ser constantemente reavaliado em função da evolução dos sintomas e das doenças.

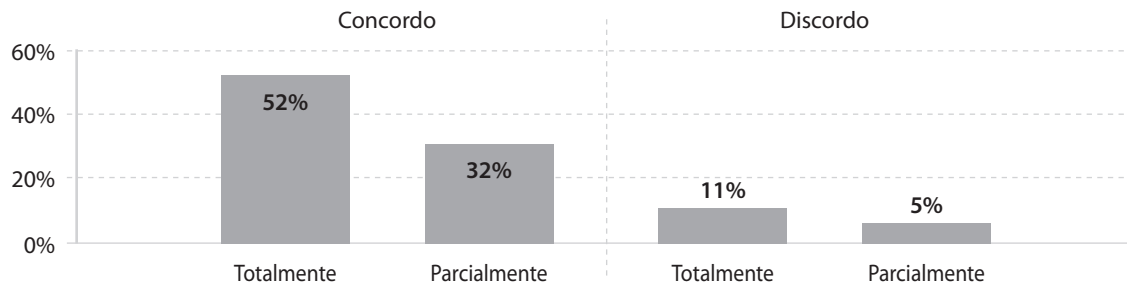
Consenso quase absoluto (99%) sobre a necessidade de reavaliação frequente dos resultados.



Comentários: Devemos nos ater na evolução clínica dinâmica do paciente com o que dispomos de melhor naquele momento. E a intervalos de tempo determinados pela gravidade e cronicidade da(s) doença(s). Também avaliado pela disposição do indivíduo e da energia vital, não apenas de seus sintomas. O dinamismo da vida nos acompanha também na prescrição homeopática. Para garantir uma boa evolução. Não há outra maneira de evoluir um paciente à cura se não for assim, feito por um médico formado para esse fim curar os doentes. O importante são as diretrizes dos sintomas homeopáticos

Figura 18. A prescrição homeopática poderá incluir um ou mais medicamentos, usados conjuntamente ou em períodos alternados.

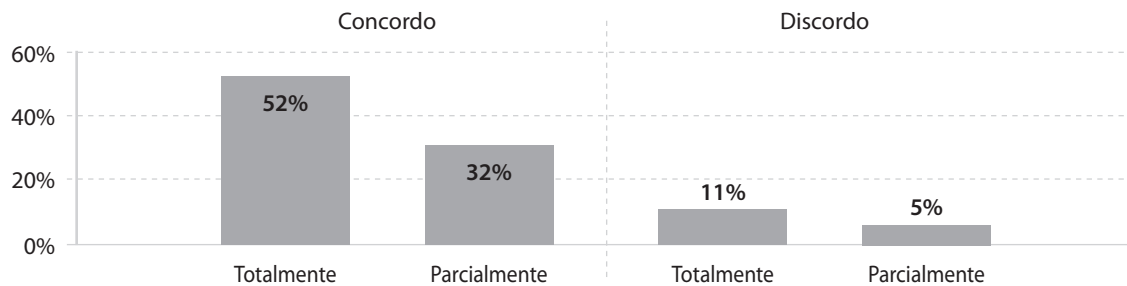
A prescrição homeopática pluralista ou complexista foi admitida por 84%, com discordância total por 11%.



Comentários: a escolha da estratégia terapêutica a ser adotada não depende somente da escolha ideológica do médico, mas principalmente do quadro clínico do paciente. Um medicamento deve suceder a outro após a avaliação em nova consulta, após a primeira dose, se necessário, fazer outra dose mais adequada. Sempre que necessário, tentando abreviar o sofrimento do paciente. Sempre que possível, manter prescrição de medicamento único. Utilizo medicamento único desde início da minha prática com sucesso terapêutico, o reconhecimento é de totalidade essencial e representativa. Dependendo sempre da avaliação individual de cada situação clínica. Nem sempre um único medicamento aciona o complexo mecanismo da cura. Todo medicamento prescrito deverá ter justificativa cabível e racional dentro da abordagem adotada, para que se tenha a capacidade de avaliar o efeito de cada droga incluída e julgar, nos retornos seguintes, a indicação de sua manutenção ou o surgimento de contra-indicações que exijam sua suspensão.

Figura 19. Os critérios para acompanhamento do paciente em tratamento homeopático devem considerar tanto aspectos relativos ao bem-estar geral do paciente como os relativos às suas queixas originais e problemas de saúde nele diagnosticados, confirmados por exames complementares objetivos quando for o caso.

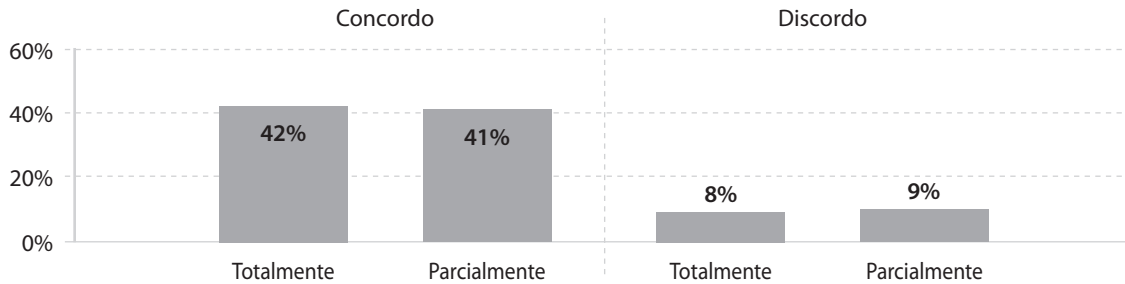
Os critérios de acompanhamento devem considerar aspectos gerais e relativos às queixas e problemas de saúde para 84% dos respondentes, com 52% de concordância total.



Comentários: A clínica médica é soberana na cura homeopática. Apenas “Bem Estar Geral” pode ser muito enganoso. Deveria ser o correto a ser seguido por qualquer médico. A homeopatia avalia paciente como um todo. Mesmo sem exames também é válido. Todos os casos são diferentes, dependerá da necessidade do caso para definir Medicamento e ou gravidade.

Figura 20. A ação preventiva de medicamentos homeopáticos, em doenças infectocontagiosas, deve ser associada ao uso de imunizantes quando estes estiverem aprovados e indicados para o caso individual.

A associação de imunizantes ao tratamento homeopático em doenças infectocontagiosas foi aceita por 83%, com discordância total por 8% dos respondentes.



Comentários: A utilização de imunizantes seria aceitável em doenças que não conferem imunidade protetora, uma vez que a maioria das infecções conferem proteção. Toda prescrição feita por um médico deverá ser avaliada criticamente caso a caso e, quando houver ambiguidades insolúveis, compartilhada a decisão franca e objetivamente com o paciente. Se optar por profilaxia homeopática a quem fará uso de imunizante para a doença infecciosa específica, dever-se-ia julgar sobre quais os ganhos e benefícios extras que justifiquem a inclusão de um medicamento homeopático com o mesmo objetivo final que o imunizante. Na minha opinião, o princípio da vacina é o mesmo da homeopatia, pela similitude e fortalecimento do princípio vital. Exceto vacinas sem grandes estudos que deverão ser avaliadas para cada caso. Pensar também nos elementos químicos que compõem cada vacina (que podem ser um fator causal de desequilíbrio da força vital). Se o imunizante seguir a Lei do Semelhante, se tratarmos a susceptibilidade a adoecer, não é necessária prevenção com imunizantes. Em alguns casos os imunizantes podem estar contraindicados, ou podem determinar novos sintomas. Sempre será necessário avaliar o contexto: da pessoa, do momento e da saúde pública.

COMENTÁRIOS COMPLEMENTARES

A busca de consensos reflete o exercício de ouvir e se comunicar, em diálogo, ao qual o médico homeopata está acostumado em seu labor diário com os pacientes. Entretanto, tem sido historicamente pouco usual o intercâmbio aberto e crítico de opiniões entre a comunidade homeopática, no passado dividida entre altistas e baixistas, puristas e impuros, entre outras denominações que antes de agregar apenas separavam posições legítimas e inerentes ao exercício de uma ciência aplicada plena de incertezas – por também incorporar o elemento arte – como é a medicina e, de modo mais especial, a homeopatia.

A realização de um segundo consenso entre a comunidade médica homeopática brasileira significa que há campo fértil para o crescimento da cultura do diálogo permanente na especialidade de homeopatia. E pode-se dizer que, de certa forma, foi possível uma saudável aferir maturidade no campo homeopático. Em qual sentido? Mesmo que se respeite a experiência daqueles que nos antecederam e os professores da atualidade há uma dimensão

crítica em ascensão. Não se nota mais a adesão acrítica às posturas dogmáticas, mas uma postura mais questionadora, o que só podemos considerar salutar.

A adição de novas questões reflete o dinamismo da prática homeopática, que ao contrário do que alguns pensam, tem se renovado e reinventado ao longo dos tempos, sempre aberta a testes científicos e à possibilidade de refutabilidade ou confirmabilidade. Ainda se observa certa dissonância conceitual para entendimento de alguns pontos, em decorrência das próprias diferenças de abordagem e posicionamentos de algumas linhas de pensamento e tradição na homeopatia, que pouco a pouco vão se aproximando e racionalmente desenvolvendo pontos de ancoragem para o tema. Sempre haverá espaço para a inserção das dúvidas no debate aberto e impessoal que caracteriza a busca pela verdade em ciência. Ainda que seja sempre um mister em ciência duvidar da imortalidade científica dos fatos.

Sem que sejam apresentadas conclusões, é possível observar dos resultados no II Consenso para Caracterização da Prática Homeopática que há itens

com graus variáveis de concordância e discordância, que sinalizam pontos em comum e pontos para abordagens futuras integrativas. Entre os pontos de altíssima concordância, podem ser destacados a necessidade de aplicação do princípio da semelhança, preparação do medicamento homeopático segundo as normas da Farmacopeia Homeopática Brasileira (FHB), a prescrição do medicamento homeopático por uma combinação de elementos semiológicos e a constante reavaliação do tratamento homeopático à luz da evolução dos sintomas e doenças associadas. Houve alta concordância na realização de ensaios patogênicos homeopáticos (EPH) para o uso clínico do medicamento e na necessidade de aprovação ética por Comitês de Ética em Pesquisa, importância do diagnóstico clínico para a indicação da terapêutica homeopática e para a definição da prescrição homeopática mais ajustada, com reconhecimento da hierarquia dos sintomas mentais para escolha terapêutica. Foi também alta a concordância no uso conjunto da homeopatia com outras terapêuticas oficialmente reconhecidas, sendo aceito que a prescrição poderá incluir um ou mais medicamentos, sendo concebidos os miasmas como úteis para escolha terapêutica e acompanhamento evolutivo dos pacientes. A utilização conjunta de medicamentos homeopáticos e imunizantes, em doenças infectocontagiosas, também mereceu alta concordância, ao lado do uso de critérios mais gerais e locais para acompanhamento dos pacientes, confirmados por exames complementares objetivos quando for o caso.

Moderadas concordâncias foram verificadas na questão do uso de sintomas observados em intoxicação, sem realização de EPH, para prescrição homeopática, ao lado da prescrição de substâncias não listadas na FHB e da confiabilidade de sintomas obtidos em experimentações focadas na observação de sonhos. Discordâncias moderadas se manifestaram em relação à confiabilidade de sintomas registrados em auto-experimentações de médico homeopata ou de sintomas obtidos por abstração intelectual (conjecturas, ilações ou especulações), a partir de similaridades com propriedades de elementos químicos ainda não experimentados, uma nova abordagem que exemplifica o dinamismo da homeopatia mesmo que não tenha sido prevista pelo seu criador. Estes pontos devem merecer especial atenção e análise crítica pela comunidade homeopática, aberta a inovações que possam ser verificadas, testadas e, se eficazes e seguras, incorporadas à prática homeopática. Por fim, observou-se posição de igualdade numa única questão, pertinente à preparação de novos nosódios, a partir de materiais com microrganismos, patogênicos ou não, para prescrição independente de realização de EPH, situação recentemente vivenciada na pandemia de COVID-19.

Algumas pontes foram construídas, outras poderão ser objeto de futuros consensos e mesas de diálogo,

incluindo aspectos da avaliação de eficácia e efetividade da homeopatia, vitalismo, critérios de eticidade em condutas médicas homeopáticas. Mas também pode ser importante acolher os dissensos. Afinal são eles que podem nos apontar para o futuro dos próximos debates. A busca dos consensos é também a forma mais civilizada de estabelecer acordos que na maioria das vezes não culmina numa unanimidade, mas ao ponto mais interessante da hermenêutica: compreender o processo pelo qual compreendemos as coisas. É ele que permite, até como um exercício clínico, nos colocar no lugar do outro e buscar compreender o modo como o outro prescreve o mundo.

Os pontos tratados no consenso trazem em si a ideia de pontes para reflexão e convergência entre a comunidade médica homeopática, para estimular o diálogo e prevenir o sectarismo, ao mesmo tempo em que se promove o mínimo múltiplo comum e se mapeia os máximos divisores comuns, para uma abordagem centrada na razoabilidade, proporcionalidade e sensatez clínica.

AGRADECIMENTOS

A César Nunes Nascimento e Francisco José de Freitas, pela colaboração no teste-piloto do formulário, e Marina Rosenbaum pela ajuda na tabulação dos dados.

RESUMO

Consenso também pode ser entendido como anuência, aprovação, licença, concessão e acordo. A comunidade de praticantes da clínica da similitude sempre apresentou uma generosa variedade metodológica em seus procedimentos. Muitas das discussões concentraram-se em aspectos considerados filosóficos encontrados nos textos canônicos da homeopatia, enquanto outras enfocaram os aspectos terapêuticos dos procedimentos clínicos. Diante deste quadro entendemos que se tornou necessário construir um processo dialógico entre os médicos. O desejo é encontrar bases corroborativas que nos permita estabelecer limites e alcances para definir o estado da arte. Nesta procura por consensos mínimos a partir da coleta de informações obtidas através de um formulário, adotou-se a escala de Likert com quatro alternativas para resposta às afirmações contidas em cada questão. Os resultados, junto com dados demográficos da comunidade homeopática brasileira encontram-se representados neste artigo. Esperamos aumentar a representatividade destes acordos durante uma nova consulta nas atividades que serão realizadas na Cidade de São Paulo durante o 36º Congresso Brasileiro de Homeopatia.

ABSTRACT

Consensus can also be understood as consent, approval, license, concession, and agreement. The similitude clinic's community of practitioners has always displayed generous methodological variety in its procedures. Many of the discussions focused on aspects considered philosophical found in canonical homeopathy texts, while others focused on the therapeutic aspects of clinical procedures. Faced with this situation, we understand that it has become necessary to build a dialogic process between physicians. The desire is to find corroborative bases that allow us to establish limits and scope to define the state of the art. In this search for minimum consensus from the collection of information obtained through a form, the Likert scale was adopted with four alterna-

tives to answer the statements contained in each question. The results, along with demographic data of the Brazilian homeopathic community are represented in this article. We hope to increase the representativeness of these agreements during a new consultation in the activities that will be carried out in São Paulo, during the 36th Brazilian Congress of Homeopathy.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. RESOLUÇÃO CFM Nº 2.330/2023. Homologa a Portaria CME nº 1/2023, que atualiza a relação de especialidades e áreas de atuação médicas aprovadas pela Comissão Mista de Especialidades. Publicado no D.O.U. de 15 de março de 2023, nº 51, Seção I, p.112.
2. ROSENBAUM, P. Encontrando Consensos. INFORMATIVO APH, Nº 100 • maio/junho de 2009. Pág. 13
3. SCHEFFER, M. et al. Demografia Médica no Brasil 2023. São Paulo, SP: FMUSP, AMB, 2023. 344 p. ISBN: 978-65-00-60986-8